

APRESENTAÇÃO

Este volume da *Linguagem em (Re)vista*, que inclui os números 25 e 26, é o resultado de reflexões produzidas por vários pesquisadores que se dedicam a aprofundar conhecimentos sobre os escritos provenientes do chamado Círculo de Bakhtin.

Essa prática investigativa marcou sobremaneira, entre o período de 2013 a 2015, a trajetória de pesquisadores da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que integram o Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens (GEICEL), mais especificamente, a dos vinculados à linha de pesquisa “Língua, linguagens, significação e identidade”. Os trabalhos desenvolvidos pelo Grupo que conta com a participação de docentes-pesquisadores e alunos-monitores nas áreas de pesquisa, ensino e extensão, bem como de técnicos administrativos, filiam-se às seguintes linhas, assim dispostas: (a) Literatura: crítica, memória, cultura e sociedade, (b) Língua, linguagens, significação e identidade, (c) Docência, pesquisa e formações e (d) Fonética, fonologia, sociolinguística e dialectologia do Extremo Sul da Bahia.

Para este volume, além de artigos elaborados por pesquisadores da UNEB, contamos com a colaboração de pesquisadores de outras instituições, cujas produções mantêm afinidades com os estudos realizados no âmbito do GEICEL.

O texto de abertura, “Agendas próximas, narrativas divergentes – A imprensa e os sentidos do *impeachment* de Fernando Collor”, o autor Vinícius Sales do Nascimento França apoia-se nas noções de signo, infraestrutura e superestrutura para realizar a análise de textos de dois jornais: *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* com o propósito de observar a construção da narrativa em torno do *impeachment* de Fernando Collor. O estudo põe em xeque a pretensa neutralidade atribuí-

ída a textos jornalísticos, afirmando que, neles, são veiculadas ideias e práticas sociais vinculados ao setor da sociedade a que pertencem.

“Dialogismo, gêneros e discurso: estudos bakhtinianos”, texto de José Pereira da Silva, que sugeriu a inclusão dessa obra como número especial desta revista, traz à baila pontos de vista acerca de dialogismo, gênero, gêneros textuais e gêneros do discurso, construídos a partir de uma dialética com vinte e um textos publicados em anais e revistas do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL). Com suas reflexões, o autor busca evidenciar como as publicações do CiFEFiL têm contribuído para a fomentação de uma literatura especializada dos estudos bakhtinianos em âmbito nacional.

Já Adriana Santos Batista focaliza, no texto “Discurso citado em textos jornalísticos sobre o Pisa”, o interesse jornalístico por temas educacionais. A questão é pensada a partir de discussões agenciadas pelo Círculo de Bakhtin e por outros teóricos que refletem sobre esse tema. Analisando textos jornalísticos que se reportam ao Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) como fonte de informação para sua elaboração, a autora atesta que o modo de inserir os dados no texto constrói a ilusão de retomada fiel do conteúdo veiculado nos relatórios oficiais do exame. Propõe-se ainda a mostrar como essas avaliações estão ancoradas em fontes provenientes de instituições de ensino privadas e que, nesse processo, há um silenciamento de vozes ligadas às universidades e escolas públicas, o que reforça o prestígio atribuído pelo o jornal às instituições privadas.

No texto “Gêneros discursivos: precedentes teóricos em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*”, de Aline Maria dos Santos Pereira, avulta uma reflexão sobre as construções de sentido acerca do uso da língua e de gêneros discursivos a partir de análises realizadas nas obras *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e *Estética da Criação Verbal*, de Mikhail Bakhtin.

A autora argumenta que a concepção de língua defendida no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* relaciona-se com a noção de gêneros discursivos, encontrada em *Estética da Criação Verbal*, porque não é possível dissociar, abraçando a perspectiva bakhtiniana, os gêneros do processo de interação verbal, da enunciação, ou seja, da utilização da língua na sociedade.

O artigo “Narrativas locativas: um gênero híbrido”, escrito por Vinícius Vita Gorender e Vânia Lúcia de Menezes Torga, dedica-se ao enfoque das seguintes questões: as narrativas locativas, englobando a tecnologia e os aspectos de seu uso para a construção de narrativas, a partir do conceito de cronotopo, bem como a relação existente entre autores, intermediários e públicos das narrativas locativas, considerando um tempo e um espaço. O texto também investe na apresentação de uma discussão sobre a obra *I’d Hide You* de Blast Theory (2012). A ideia defendida pelos autores é a de que a locatividade ao mesmo tempo inova e limita, porque a recepção de uma obra exige que o leitor se situe em um local geográfico específico.

“O Cronotopo e os espaços de memória: modos de apreensão do instável no processo de escrita de um gênero discursivo”, de Orasir Guilherme Teche Cális, exhibe uma reflexão sobre gênero, pautada na noção de que no texto estão constituídos aspectos do mundo verbal e do contexto sociocultural. O autor examina como a abordagem dialógica de Mikhail Bakhtin trata dessas relações, dando destaque à noção de gênero como síntese da dimensão cronotópica do texto como enunciação. Analisa ainda como esse conceito, ao ser operacionalizado, torna-se um instrumento precioso em pesquisas focalizadas em textos de professoras alfabetizadoras, no ano de 2006, em Cubatão-SP, como atividade inicial de um curso de capacitação denominado *Letra e vida*.

Celso Kallarrari, em “O discurso religioso em *Dom*

Casmurro”, volta-se para o estudo do texto literário. Lançando mão dos conceitos de dialogismo, intertexto e intertextualidade, leva o leitor a acompanhar uma reflexão sobre a presença do discurso religioso no romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. O autor advoga que os enunciados bíblicos ao serem retomados, de forma implícita e explícita no discurso do narrador, às vezes são conservados, às vezes desconstruídos, bem como têm os sentidos renovados, o que atesta a presença, na obra, de uma multiplicidade de vozes e esferas ideológicas refletidas e refratadas da realidade sociopolítica, econômica e doutrinária da época em que o romance está inserido.

De Helania Thomazine Porto, o artigo “O Que Anunciaram os Tikmũ’rñ: por uma dialética com cantos indígenas”, por meio da análise de cantos do povo Maxakali, busca responder a questões como: - Que mundo nos é apresentado por meio da poética Maxakali? - Como os enunciados (cantos) se estruturam e que temas abordam? - Em que enunciação esses enunciados (os cantos) são evocados? Esses questionamentos acerca dos cantos dos Maxakalis são entendidos na interlocução entre a teoria da materialidade do pensamento e da linguagem, afiançada por Bakhtin, com a poética indígena.

Por fim, Cristhiane Ferregett, no texto “Relações Dialógicas em Revista Infantil: processo de adultização de meninas”, apresenta uma investigação sobre a recepção de reportagens da *Revista Recreio Girls* por meninas, na faixa etária de seis a onze anos de idade. O estudo pretende contribuir para a fomentação de debates relacionados à temática mídia e infância e estimular movimentos e atos responsáveis para a promoção e a defesa dos direitos das crianças no que diz respeito ao consumo e consumismo. O texto salienta ainda que a escola precisa incrementar a leitura crítica e a discussão de textos midiáticos, especialmente os publicitários, em suas atividades docentes, além de desenvolver projetos para capacitar melhor o professor nesse sentido.

Os artigos que aqui trazemos, sob prismas variados, privilegiam pressupostos bakhtinianos, pondo em evidência a riqueza e a diversidade das pesquisas que vêm sendo realizadas com a exploração desse referencial teórico. A expectativa é a de que os nossos leitores se sintam estimulados a ampliar esse quadro.

Maria Isaura Rodrigues Pinto
(Dir. da rev. Linguagem em (Re)vista)